



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (**XVII ENANCIB**)

GT 02 - Organização e Representação do Conhecimento

REGISTRO E MEMÓRIA: DUAS FACES DA MESMA MOEDA

RECORD AND MEMORY: TWO SIDES OF THE SAME ISSUE

Dulce Maria Baptista¹

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Abordagem exploratória da relação entre os termos *registro* e *memória* no âmbito da ciência da informação, considerando sua interface com arquivologia, biblioteconomia e museologia. O objetivo é fornecer elementos para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Discute-se a diferença entre conceito e definição, como termos relevantes no discurso científico. Para obtenção de dados, foi feito um levantamento dos termos registro e memória, e de sua presença nas diferentes áreas, junto ao Google Acadêmico. Sendo polissêmicos e abrangentes, os termos em foco correspondem a conceitos interdisciplinares, o que dá origem a ambiguidades que precisam ser controladas pelas linguagens documentárias. Por conta de certa dificuldade de comunicação entre áreas afins, torna-se necessário também aliar o rigor do tratamento da informação à flexibilidade na compreensão de conteúdos informacionais.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Terminologia. Ambiguidade. Organização da informação. Representação da informação.

¹ Professora da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (FCI/UnB). Leciona as disciplinas Análise da Informação e História do Livro e das Bibliotecas no Curso de Graduação em Biblioteconomia. Membro do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, no qual leciona Fundamentos em Representação da Informação, Tópicos Especiais, e atua como líder do grupo de pesquisa Estudos em Representação e Organização da Informação e do Conhecimento (EROIC). Participou de dois livros do Grupo, tendo atuado como organizadora no segundo. Possui artigos publicados em periódicos científicos e participou de antologias literárias. Possui texto publicado em livro canadense.

Abstract: *Exploratory approach of the relationship between the terms record and memory within the scope of information science, regarding its interface with archivology, librarianship and museology. It is meant to provide elements for in-depth discussion on the subject. Firstly, it addresses the difference between concept and definition, given their relevance in scientific discourse. Data survey was carried out in Google Acadêmico (Google Scholar, Portuguese version) in order to assess the presence of the terms record and memory in different areas. Being such terms polysemic and comprehensive, they relate to interdisciplinary concepts, which generate ambiguities that must be controlled by documentary languages. Considering a certain lack of communication between related areas, it becomes necessary to combine accuracy in information processing with flexibility in understanding informational contents.*

Key words: *Interdisciplinarity. Terminology. Ambiguity. Information Organization. Information Representation.*

1 INTRODUÇÃO

O caráter transversal da informação e a natureza interdisciplinar de modelos e práticas oriundos da biblioteconomia e da ciência da informação, bem como a polissemia e a ambiguidade de determinados termos que perpassam essas áreas nem sempre contribuem a um entendimento consensual dos conceitos e objetos representados por tais termos. Assim sendo, a reconhecida interdisciplinaridade entre determinadas áreas afins permanece por vezes como uma espécie de idealização difusa, não funcionando de fato como elemento de convergência, e dando margem, inclusive, a certas diferenças de interpretação que mais contribuem à fragmentação do que propriamente à integração de saberes.

Por outro lado, há que se considerar que, em função dos conceitos com que lida, cada área se vale de linguagem própria de especialidade, e para tanto se utiliza de termos e expressões que configuram essa linguagem. Na construção e consolidação de um determinado campo do saber novos termos e expressões são cunhados por pesquisadores, os quais ora são incorporados ao vernáculo, ora permanecem circunscritos a léxicos específicos, enquanto que outros termos previamente existentes ganham novos significados, são substituídos, ou caem em desuso.

Considerando o contexto da comunicação científica, a terminologia, como área de estudo, representa importante contribuição ao controle da ambiguidade. Nesse aspecto, vale observar que na década de 30 do século passado, Wüster (apud LARA, 2004) fundava a Teoria Geral da Terminologia (TGT), a qual buscava alcançar a precisão na comunicação técnica e profissional. Posteriormente, com base em diversos estudos acerca de possibilidades e limitações da área, Cabré (apud ALMEIDA, 2006) propõe nova abordagem, mais centrada na necessidade de comunicação do que exclusivamente na designação dos termos, e que viria a ser conhecida como Teoria

Comunicativa da Terminologia. Visando a aplicação da teoria à elaboração de um dicionário especializado, Almeida se refere à Cabré, para quem

É imprescindível a elaboração de um mapa conceitual, uma vez que, do ponto de vista cognitivo, as unidades terminológicas ocupam lugar preciso numa estrutura de conceitos; e o seu significado específico é determinado pelo lugar que ocupam nessa estrutura. (CABRÉ, 2003, apud ALMEIDA, 2006, p.99)

A esse propósito, observe-se também a ênfase na padronização de termos, refletida, inclusive, na criação de entidades como a International Standard Organization (ISO) e suas precursoras.

No mesmo contexto da comunicação científica, o conceito de domínio, enquanto campo semântico de áreas específicas, tem sido objeto de estudos com vistas à utilização combinada de terminologia e tecnologia da informação. Um interessante exemplo é o estudo realizado por Kasama, Zavaaglia e Almeida (2010) tendo como foco uma representação ontológica do domínio da nanociência e da nanotecnologia. Não sendo propósito deste artigo a discussão pormenorizada das teorias, cabe cita-las como reflexo das preocupações que a questão da adequação entre conceitos e termos sempre suscita nos meios científicos, principalmente nas áreas que lidam com organização e representação da informação.

No que se refere à ciência da informação, são numerosas as interfaces possíveis, tal como reconhece Le Coadic. Segundo ele,

A ciência da informação é uma das novas interdisciplinas, um desses novos campos de conhecimentos onde colaboram entre si, principalmente: psicologia, linguística, sociologia, informática, matemática, lógica, estatística, eletrônica, economia, direito, filosofia, política e telecomunicações. (LE COADIC, 2004, p. 20)

Observe-se, contudo, que da mesma forma que a interdisciplinaridade é bem vista em tempos de informação globalizada, ela traz desafios, na medida em que a univocidade constitui um dos valores mais caros ao discurso científico, e em função da qual é sempre buscada a correspondência exata e precisa entre conceitos e termos ou expressões que os representam.

O entendimento diferenciado de conceitos equivalentes, mas que são eventualmente representados por termos diferentes em áreas correlatas, pode acarretar perda de informação no âmbito de sistemas de informação. De forma inversa, conceitos diferentes designados pelo mesmo termo acarretam ambiguidade, e também, como consequência, perda de informação. Nessa perspectiva, a presente comunicação consiste na exploração dos conceitos de *registro* e *memória*, no contexto de áreas que lidam, sob diferentes ângulos, com informação e conhecimento. O objetivo é fornecer elementos para uma discussão mais aprofundada, contribuindo dessa forma a um melhor esclarecimento da eventual dualidade que resulta da consideração, em separado – ou fora do contexto – dos mencionados conceitos.

2 CONCEITO E DEFINIÇÃO

Na medida em que as ciências em geral são construídas a partir de conceitos, e que identificam e definem seus respectivos objetos de estudo, explora-se primeiramente a sutil diferença entre conceito e definição. O intuito se justifica pela própria ambivalência dos termos, a qual leva, com certa frequência, ao emprego indistinto de um e outro, como se fossem perfeitos sinônimos. Caberia então indagar: Qual a importância de se distinguir conceito de definição? Se é válido especular, é possível que, no âmbito da comunicação informal, ou da linguagem natural, a questão seja irrelevante. Partindo, contudo, da diferenciação explicitada por Dahlberg (1978) torna-se claro que o conceito é uma ideia, e que a definição consiste na explicação dessa ideia por meio de palavras – ou termos.

Tendo em vista as peculiaridades do discurso científico, Lara pondera que

Admitindo uma diferença entre o termo e a palavra, podemos distinguir entre a definição terminológica e a definição lexicográfica. Para a elaboração das linguagens documentárias, a definição terminológica é preferida à lexicográfica porque delimita o universo focalizado; a primeira é utilizada pelos dicionários de especialidade; a segunda é própria dos dicionários de língua geral. (LARA, 2004, online)

Para a mesma autora, “o significado é linguístico; o conceito é terminológico”. Certamente não é por acaso que, nos dicionários de língua geral, determinados verbetes são particularmente extensos ou que os próprios dicionários resultam em alentados volumes. Na medida em que estes se ocupam das definições dos conceitos/objetos, se ocupam igualmente das palavras pertencentes a um idioma específico, na incessante busca por esgotar as possibilidades de significação proporcionadas pela estrutura dinâmica das línguas. Essa dinamicidade, por sua vez, é o que possibilita a inclusão/exclusão de termos no dicionário, seja em função de novos conceitos que passam a fazer parte do repertório coletivo das ideias – e, por conseguinte, da norma falada e escrita –, do acréscimo de neologismos e estrangeirismos que traduzem esses novos conceitos, e ainda da substituição ou obsolescência de palavras que caem em desuso. Autores clássicos da linguística como Saussure (apud COELHO; HENRIQUES, 2014), e Coseriu (1979), dão importante contribuição ao entendimento das variações da língua, o primeiro ao distinguir língua de fala, o segundo com sua concepção tripartite de sistema, norma e fala.

Como consequência, também, do surgimento e ampliação de múltiplas áreas de especialidade, há que se considerar os dicionários especializados. Nestes, a dinamicidade é imposta pelos avanços do conhecimento, os quais dão origem a conceitos inéditos, e termos igualmente inéditos, ou que, quando não são propriamente novos, traduzem significados inéditos.

Retomando a diferenciação identificada por Dahlberg (1978), tem-se então que o conceito ou objeto a ser explicado, e portanto posto em palavras, é por ela denominado de *definiens*, enquanto que a(s) palavra(s) explicativa(s) é(são) o *definiendum*. Nesse ponto, caberia indagar também: por que o conceito pode ser expresso por meio de uma só palavra, e sua definição demanda várias palavras? Uma possibilidade de resposta seria: o conceito é – precisa ser – unívoco, porque corresponde a uma ideia, o que se aplica mais ainda à linguagem científica. Nos casos em que há mais de um termo – termo composto ou expressão, de qualquer forma trata-se de ideias que são claramente identificáveis, como por exemplo: *História* e *História do Brasil*, que se referem a dois conceitos distintos, um genérico, outro específico.

Um outro aspecto digno de nota é que, embora correspondendo a uma ideia específica, o conceito pode gerar analogias, como é o caso de vírus, referente à área da saúde, e o vírus da informática. As palavras serão utilizadas, então, para dar conta das diferentes acepções. Ou seja, um conceito pode admitir múltiplas acepções, sendo que cada uma delas poderá ser expressa pela mesma palavra, mas outras tantas serão necessárias para explicá-la. Não se deve portanto a uma simples casualidade o fato de que as linguagens documentárias tem no controle da ambiguidade um de seus principais desafios. Termos sinônimos, homônimos, homógrafos, não são, portanto, objeto exclusivo da gramática da língua, mas objeto de controle das linguagens documentárias, como instrumentos, que são, de representação e comunicação da informação.

3 A TÍTULO DE ILUSTRAÇÃO

Como exemplificação do que foi exposto acima, e tendo em vista o escopo deste artigo, buscou-se ilustrar o emprego multidisciplinar dos termos *registro* e *memória*, os quais apresentam interesse especial para diversas áreas, e particularmente para aquelas que se ocupam da organização e representação da informação. A intenção inicial era considera-los separadamente, porém levantamento preliminar da literatura em ciência da informação e biblioteconomia revela que tal separação apenas evidenciaria a polissemia de ambos os termos, não contribuindo à identificação de relações de equivalência ou proximidade que são típicas de abordagens interdisciplinares.

Observou-se, por outro lado, a tendência a considera-los em conjunto, embora de forma mais ou menos explícita, conforme o caso, como conceitos praticamente indissociáveis em áreas como ciência da informação e biblioteconomia – para citar apenas essas duas. Assim sendo, e para não incorrer em artificialismos, optou-se também por entende-los em conjunto como sendo duas faces de uma mesma moeda: a informação.

Em função da mencionada polissemia, e por estarem presentes em áreas diversificadas, como psicologia, história e administração, entre muitas outras, foi feito um levantamento de artigos e ensaios produzidos em português junto ao Google Acadêmico, a partir da expressão de busca “memória e registro”. Foi obtido o resultado de 462.000 referências. Dessas, foi selecionado um conjunto de dez textos contendo os termos de busca no título, no resumo, e/ou nas palavras-chave. O Quadro 1 a seguir

ilustra esses resultados por ordem alfabética de título, com identificação da respectiva área de estudo, e palavras-chave.

Quadro 1. Presença de termos nos textos recuperados

Título	Área	Palavras chave
A Ciência da Informação, memória e esquecimento	Ciência da Informação	Memória; Esquecimento; Ciência da Informação; Tecnologia da informação e comunicação
A invenção da memória nos arquivos públicos	Arquivologia	Arquivologia; Memória; Avaliação de documentos; Arquivos públicos; Políticas arquivísticas
Biblioteca, memória e identidade social	Biblioteconomia	Biblioteca – memória social; Biblioteca – identidade; Memória – discurso identitário; Lugares de memória
Bibliotecas: metáforas da memória	Biblioteconomia	Prédio de biblioteca – Memória; Arquitetura de prédio para biblioteca
Memória eletrônica e desterritorialização	Sociologia	Informação digital; Desmaterialização da memória; Tecnologia da informação (*)
Memória: entre o oral e o escrito	Educação	Oralidade e escrita; Memória; Práticas escolares
Memória e sociedade contemporânea: Apontando tendências	Biblioteconomia	Memória; Sociedade contemporânea; Preservação; Memória social
Memória institucional: uma revisão de literatura	Biblioteconomia	Memória; Memória coletiva; Memória social; Memória institucional
O registro da memória através dos diários virtuais: o caso dos <i>blogs</i>	Ciência da Informação	Memória; Blogs; Memória em ambientes virtuais
Registros e memória: algumas observações sobre a demografia no contexto latino-americano	Demografia	Demografia brasileira; Demografia da América Latina; Estudos de fecundidade; História da demografia

Fonte: Elaboração própria

(*) Palavras chave atribuídas pela autora, visto que não constam no texto original.

Pelo caráter exploratório do levantamento realizado, pode-se observar que o Quadro 1 corresponde a uma amostra mínima das numerosas áreas em que os termos em foco são utilizados. Dois títulos se referem à ciência da informação; um título se

refere à arquivologia; quatro à biblioteconomia; um título se refere à sociologia, um à educação e um à demografia.

Observe-se que se os termos tivessem sido considerados individualmente, é bastante provável que os resultados exibidos incluíssem um número bem maior de textos sobre memória relacionados à história, à cognição e à psicologia. No entanto, conforme salientado, o propósito era o de relacionar *memória* com *registro*, e nesse caso, curiosamente, as possibilidades de associação diminuem de forma considerável. Observe-se também que, a partir dos elementos focalizados (título, resumo e palavras chave), algumas associações se afiguram menos previsíveis que outras, como é o caso de *ciência da informação e esquecimento*, ou de *memória e prédio de biblioteca*.

Um exame detido na íntegra de cada um dos textos certamente irá revelar outras associações relevantes, porém o foco desta abordagem é justamente explorar o potencial de termos e expressões não apenas como representativos dos respectivos conteúdos, mas como suscetíveis, eventualmente, de apresentar relações com outros termos ou expressões. Com isso, chama-se a atenção, ainda que de forma indireta, para a importância da indexação consistente e das linguagens documentárias, em geral, não só no processo de organização e representação, como também no de recuperação da informação. Em outras palavras, são tais processos que servem tanto à especificação como à contextualização da informação, em suas múltiplas formas de expressão.

4 MEMÓRIA E REGISTRO

Diante da variedade dos assuntos tratados em amostra tão reduzida, cabe questionar o que seria então o elo ou ponto de convergência entre *memória* e *registro* a partir de sua presença nos textos considerados. Entendendo que cada uma das áreas se expressa dentro de seu próprio léxico ou jargão, e que os conceitos, isoladamente, comportam múltiplas definições, parece legítimo o questionamento quanto a uma suposta convergência interdisciplinar, principalmente no que se refere às áreas que têm na informação o seu objeto específico de estudo.

No âmbito da ciência da informação, esse objeto – a informação – não se restringe a um único e abstrato conceito, envolvendo, nas palavras de Le Coadic (2004, p.25), “o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso”. De forma mais sucinta, Robredo (2003, p.103) coloca a questão nesses termos: “Qual é o objeto de estudo da ciência da informação? A resposta é simplesmente a informação em todos os seus aspectos e de todos os pontos de vista”. Em seguida, enumera uma série de características, entre as quais a possibilidade de ser “registrada (codificada) de diversas formas”, e a de ser “conservada e armazenada em diversos suportes”.

Essas características encerram um componente de materialidade, o qual estaria implícito, por sua vez, no conceito de documento. Como registro e suporte de informação, a noção de documento dá origem a uma ampla gama de estudos e análises, dentre os quais vale mencionar a obra coletiva organizada por Freitas, Marcondes e

Rodrigues (2010), que inclui abordagens antropológica, linguística e arquivística, entre outras.

Nesse ponto, caberia questionar ainda: o documento equivale, ou pode ser entendido como registro? Ou mesmo como memória? Sabendo-se que não se trata de termos sinônimos, e sem pretensão de encontrar uma resposta pronta ou acabada, observe-se que há múltiplas definições para o termo *registro* tanto no dicionário geral (HOUAISS, 2001), como no dicionário especializado (CUNHA, 2008). Assim sendo, parece mais realista identificar os tipos de registro que interessam à ciência da informação, e por extensão, à biblioteconomia, à arquivologia e à museologia, enquanto comunidades de conhecimento, tal como caracterizadas por Hedstrom e King (s.d.), ou como instituições de memória, como entende Veltman (2006). A propósito da relevância do registro textual, tanto no âmbito da realidade tradicional do suporte físico como no contexto da documentação eletrônica e virtual, Baptista (2015) realiza um estudo a partir de um enfoque histórico e conceitual, no qual ressalta a relevância desse tipo de registro.

A título de ilustração, e considerando as áreas mencionadas, apresenta-se abaixo o Quadro 2, com os resultados obtidos no Google Acadêmico, a partir de associação entre termos presentes nas seguintes expressões de busca: “memória e arquivologia”; “memória e biblioteconomia”; “memória e museologia”; “registro e arquivologia”; “registro e biblioteconomia”; “registro e museologia”; “memória e ciência da informação”; “registro e ciência da informação”.

Quadro 2. Associações temáticas no Google Acadêmico

TEMAS	RESULTADOS
Memória e Arquivologia	11.200
Memória e Biblioteconomia	25.200
Memória e Museologia	16.600
Registro e Arquivologia	10.100
Registro e Biblioteconomia	27.500
Registro e Museologia	11.900
Memória e Ciência da Informação	146.000
Registro e Ciência da Informação	167.000

Fonte: Elaboração própria

Cabe salientar que, ainda que em associação – nesse caso com áreas específicas relacionadas à ciência da informação – os conceitos designados pelos termos de busca compreendem, em seu turno, uma ampla gama de acepções, como *registro bibliográfico* e *registro profissional*, associados a biblioteconomia, para citar apenas esses exemplos. Há que se considerar também a usual repetição de resultados em um levantamento desse tipo, na medida em que uma mesma referência pode estar contida em publicações diferentes, como teses e periódicos, em repositórios, catálogos e bases de dados, e ainda estar registradas em formatos variados (html, pdf, ppt, etc.).

A grosso modo, os registros podem ser: textuais, sonoros, imagéticos, multimídia. Se cabe uma distinção entre os termos *registro* e *suporte*, este último

poderia ser caracterizado como: manuscrito, impresso e eletrônico. A rigor, quaisquer registros podem ser materializados em qualquer dos tipos de suporte mencionados.

Nesse contexto, e considerando o estágio atual dos avanços tecnológicos que impactam a geração, processamento, recuperação e uso da informação, confirma-se a tendência a se conceber o documento não só como objeto, mas principalmente como recurso, na medida em que assume as mais diversificadas formas e circula tanto na realidade concreta dos objetos palpáveis como na realidade virtual da internet e seus desdobramentos, como é o caso da web 2.0. Talvez não seja simples coincidência o fato de que os links identificadores e localizadores de registros e documentos recebam as respectivas designações de Identificador Uniforme de Recurso - *Uniform Resource Identifier* (URI) e Localizador Uniforme de Recurso - *Uniform Resource Locator* (URL), e não, hipoteticamente, de Identificador Uniforme de Documento - ou Localizador Uniforme de Documento.

De forma análoga ao que caracteriza o termo *registro*, a palavra *memória* é um termo abrangente, na medida em que são múltiplos os contextos aos quais se aplica. Da psicologia à história, passando pela arquivologia e comunicação, entre outras áreas, com conotações coletivas e individuais, suas implicações são inúmeras para o entendimento de fenômenos e processos que ocorrem no âmbito da mente, da afetividade, das experiências coletivas, das narrativas míticas e reais, dos relatos objetivos, da tecnologia da informação, da política, da administração, etc. No *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (2008), o termo se encontra registrado em um verbete extenso – duas páginas – e contempla, em sua maior parte, as acepções relacionadas à computação. Já no *Glossário de Termos Técnicos em Ciência da Informação* (2010), a preocupação é de proporcionar um recurso didático ao traduzir os termos da área do inglês ao português. Inclui o termo *record* (registro), porém não o termo memória.

A questão da univocidade como requisito de comunicação constitui foco de diversas pesquisas e de construção de linguagens documentárias, como o tesouro. Na medida em que observam a proliferação de termos que acabam por dificultar a comunicação entre especialistas, Laan e coautoras consideram que

Essa problemática se amplia nos dias atuais com o surgimento dos grandes blocos econômicos, que vêm alterando as relações comerciais internacionais e mesmo toda uma sorte de intercâmbios, forçando a compatibilização de termos técnicos, comerciais e científicos entre as diversas línguas. (LAAN et al., 2004, p.340)

Ao avaliar a consistência terminológica em ciência da informação, Lima e Boccato realizam um estudo de descritores em processos de indexação manual e semi-automática no âmbito do Vocabulário Controlado do Sibi/USP. Concluem que

Com relação à linguagem documentária, apesar de ter sido construída a partir de procedimentos terminológicos, ela necessita ser aprimorada, no sentido de dar uma maior consistência terminológica aos seus descritores. (LIMA; BOCCATO, 2009, online)

O que parece claro, a partir dessa e de outras análises, é que há sempre algo a ser acrescentado ou adaptado na construção das linguagens documentárias, na medida em que estas buscam uma univocidade que talvez não seja imediatamente evidente. Seja por conta da incorporação/exclusão de conceitos nas diferentes áreas, ou em função da dinâmica das linguagens naturais expressas nos respectivos idiomas, não resta dúvida que a construção, implementação e gestão de vocabulários controlados, em geral, requer um trabalho contínuo de adaptação, atualização e gestão.

É possível, ainda, que pela necessidade de circunscrever precisamente o âmbito das ciências e de suas áreas afins, as limitações de natureza terminológica acabem por impor certas fronteiras um tanto artificiais se forem considerados os conteúdos, em si, das disciplinas correlatas.

Uma pesquisa bastante reveladora foi feita por Oliveira. Em sua tese de doutorado, além de explorar literatura interdisciplinar – incluindo textos filosóficos, de arquivologia, ciência da informação, biblioteconomia, sociologia e história, ela se utiliza de *corpora* documentais referentes a teses e dissertações produzidas no Brasil. No seu entender, “o conceito de memória ainda não foi trabalhado de forma efetiva no âmbito da Ciência da Informação”. Dentre suas recomendações, destaca-se: a “Ampliação do escopo da produção científica para publicações de áreas que estabeleçam interfaces com a CI” (OLIVEIRA, 2010, p. 114-115).

Um dos termos mais típicos das abordagens interdisciplinares é justamente *interface*. E é na interface com a linguística que a ciência da informação encontra importantes subsídios na construção de instrumentos de representação e organização da informação. Procurando explorar as possibilidades de intercâmbio entre as duas áreas, Mollica e Gonzales (2012) organizam um livro do qual participam dezesseis autores, com olhares voltados às questões de representação relacionadas a linguagem, entre diversos outros aspectos de interesse. Conforme já mencionado, da mesma forma que amplia as possibilidades do entendimento das relações e do diálogo entre áreas afins, a interdisciplinaridade traz em si uma série de desafios. Numa abordagem filosófica da questão, Japiassu observa que

Nos dias de hoje bastante na moda, a interdisciplinaridade se apresenta como um dos meios mais privilegiados para se preencher as lacunas de um pensamento científico mutilado por uma exagerada e inevitável especialização e para que possam ser abordadas inteligentemente as complexidades percebidas e exigidas pela *ação*. Todavia, a justa exigência de um pensamento global merece que nos interroguemos sobre sua pertinência e seus impasses. (JAPIASSU, 2006, p. 25)

Com essa visão, o autor dirige uma crítica enfática ao ensino e à pesquisa universitária, que, por sua compartimentalização, tendem mais ao isolamento dos saberes – inclusive em função do poder que determinados grupos procuram exercer – , e não propriamente ao diálogo entre áreas afins. Por outro lado, questiona também: “Afinal, seria o

interdisciplinar algo sério? Podemos conhecer tudo? Não levaria a um novo tipo de enciclopedismo já bastante superado [...] ?” (JAPIASSU, 2006, P. 37)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se, neste texto, explorar os termos *memória* e *registro*, enquanto representativos de dois conceitos presentes em numerosas áreas – dado que são termos polissêmicos e abrangentes –, e particularmente nas áreas hoje relacionadas à ciência da informação, como arquivologia, biblioteconomia e museologia. O pressuposto foi o de considerar a informação como foco central dessas áreas de pesquisa e atuação profissional, na medida em que, sob ângulos distintos e com práticas diferenciadas, tem como objetivo promover o acesso à informação e ao conhecimento.

Por outro lado, se informação e conhecimento são conceitos abstratos, ambos os termos – registro e memória – possuem conotações abstratas e concretas. Nesse aspecto, é interessante observar que mesmo o conhecimento sobre as tradições orais de culturas ágrafas é viabilizado pelo registro textual realizado, por exemplo, por antropólogos e/ou sociólogos. Pode-se entender, nesse sentido, que o registro se torna condição à preservação da memória.

No âmbito da ciência da informação, área esta em grande parte derivada das tecnologias da informação e da comunicação, e que teve expressivo impulso com a invenção do computador (década de 40), e posteriormente, da internet (década de 90), e considerando sua proximidade com a biblioteconomia, da qual, inclusive, incorpora uma série de conteúdos, a ênfase é atribuída à informação registrada, ou seja, ao documento, seja este de qualquer natureza. Conforme mencionado neste texto, o documento tem seu entendimento ampliado para *recurso*, considerando-se o ambiente da informação virtual e ubíqua da atualidade.

O documento constitui aquilo que em biblioteconomia se considera como fonte primária, enquanto expressão original de um pensamento que se deseja comunicar. A partir, então, desse registro primário, serão realizadas as operações de análise e processamento, mediante as quais são gerados os registros bibliográficos que servirão à identificação, localização e obtenção da informação ou documento desejado. Com os avanços da tecnologia, as operações de recuperação da informação incluem hoje a exploração de bases de dados e navegação em diferentes sites, repositórios, redes sociais, etc.

Com base na literatura consultada, e a partir de uma perspectiva interdisciplinar, torna-se perceptível uma certa dificuldade na comunicação entre áreas afins, a qual se deveria mais a limitações de natureza terminológica do que propriamente conceitual. Afinal, o que é um registro, se não a expressão mesma da memória? Nesse sentido, algumas questões se colocam, como por exemplo: Supondo uma clara diferenciação entre registro (como objeto portador de informação) e memória (a informação em si, tal como preservada pela mente, pela tradição, pela comunicação oral e escrita), quais seriam as reais diferenças entre um conceito e outro no âmbito da ciência da informação, da arquivologia, biblioteconomia e museologia?

Quais seriam as potenciais repercussões de se associar conceitos que, conquanto não sendo sinônimos, são – em determinados contextos – equivalentes? Será que as remissivas presentes em tesouros, por exemplo, seriam suficientes para dar conta de novas e imprevistas equivalências? Ou os mapas conceituais melhor se prestariam ao estabelecimento de relações semânticas não visíveis a olho nu? Como se pode constatar neste texto, são múltiplas as indagações suscitadas, de um lado pela própria dinâmica da evolução do conhecimento, e de outro, pela dinâmica das linguagens – naturais e controladas – que servem à comunicação entre pessoas e entre pessoas e sistemas de informação.

Entendendo que as linguagens documentárias organizam e representam conteúdos informacionais, e que, como consequência, funcionam como mediação entre sistemas de informação e seus usuários, há todo um corpo de conhecimento construído e consolidado, o qual é amplamente utilizado, seja na prática profissional, seja como base para novos estudos e avanços. Um aspecto fundamental a ser considerado é também o papel do contexto de produção de informação, não só na determinação do sentido de determinado documento para seu usuário final, como também na designação de conceitos pertencentes a áreas ou domínios correlatos, cujos termos precisam ser específicos, e ao mesmo tempo, dialogar.

Em todo caso, é forçoso reconhecer que polissemias e ambiguidades são fatores limitantes do acesso à informação, e por isso determinam critérios rígidos na tradução de conceitos em palavras chave, e de controle em processos de representação e organização. Como questão subjacente, trata-se de compatibilizar o necessário rigor de linguagens e sistemas de organização e representação da informação com a flexibilidade indispensável à apreensão do sentido presente nas mensagens materializadas em registros e suportes dos mais variados tipos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n.2, p. 85-101, 2006. Disponível em:

<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1413/1114> Acesso em: 04 junho 2016.

BAPTISTA, Dulce Maria. A relevância do texto na organização e representação da informação. In: BAPTISTA, Dulce Maria; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério (Orgs.). **Organização da informação: abordagens e práticas**. Brasília: Thesaurus, 2015, p.21-43.

BARRETO, Ângela Maria. Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 12, n.2, p.161-176, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2423>
Acesso em: 07 junho 2016.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Memória: entre o oral e o escrito. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPEL, n.11, p.131-146, abr. 2002. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30603> Acesso em: 10 junho 2016.

CARVALHO, Luciana Moreira; CARVALHO, Monica Marques. O registro da memória através dos diários virtuais: o caso dos *blogs*. **Em Questão**, v.11, n. 1, p. 53-66, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/111> Acesso em: 10 junho 2016.

COELHO, Micaela Pafume; HENRIQUES, Stefania Montes. A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo. **Domínios da Linguagem**, v. 8, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/24856/14662> Acesso em: 10 junho 2016.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e fala. In: COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979, p. 13-85.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário brasileiro de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/115> Acesso em: 05 maio 2016.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Revista Sociologia**, n. 4, p. 137-166, abr. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2004/1751> Acesso em: 05 maio 2016.

FREITAS, Lídia Silva de; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Orgs.). **Documento: gênese e contextos de uso**. Niterói: EDUFF, 2010.

HEDSTROM, Margaret; KING, John Leslie. **On the LAM: libraries, archives and museum collections in the creation and maintenance of knowledge communities**. OECD, online. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/59/63/32126054.pdf> Acesso em: 12 abril 2016.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, v.25, n.2, p.1-13, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/659/663> Acesso em: 15 junho 2016.

KASAMA, Deni Yuzo; ZAVAGLIA, Cláudia; ALMEIDA, Gládis Maria de Barcellos. Do termo à estruturação semântica: representação ontológica do domínio da Nanociência e Nanotecnologia utilizando a Estrutura Qualia. **LinguaMática**, v. 2, n. 3, dez. 2010. Disponível em: <http://www.linguamatica.com/index.php/linguamatica/article/view/73> Acesso: jun. 2016

LAAN, Regina Helena van der et al. Avaliação de descritores relativos às ciências da informação: relato de pesquisa. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 337-347, jul./dez. 2004 Disponível em : <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/99> Acesso: jun. 2016

LARA, Marilda Lopez Ginez de. Diferenças conceituais sobre termo e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação**, v.33, n.2, Brasília, mai./ago. 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1050/1126> Acesso: mar. 2016

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2004.

LIMA, Vania Mara Alves; BOCCATO, Vera Regina Casari. O desempenho terminológico dos descritores em Ciência da Informação do Vocabulário Controlado do SIBi/USP nos processos de indexação manual, automática e semi-automática. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 1 Belo Horizonte, Jan./Abr. 2009 Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/729> Acesso: abr. 2016

MOLLICA, Maria Cecilia; GONZALEZ, Marcos (Orgs.). **Linguística e ciência da informação: diálogos possíveis**. Curitiba: Appris Editora, 2012.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A ciência da informação, memória e esquecimento. **DataGramaZero**, v.9, n.6, dez./2008, online. Disponível em: http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/01/pdf_04b0f2f838_0007639.pdf Acesso: 02 jun. 2016

NORTE, Mariângela Braga. **Glossário de termos técnicos em ciência da informação: inglês/português**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2010. Disponível em: <http://docplayer.com.br/1702407-Glossario-de-termos-tecnicos.html> Acesso: 10 jun. 2016

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na ciência da informação no Brasil:** uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação. 2010. 194 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Maria Coleta Ferreira Albino de; TAVARES, Ricardo Antônio Wanderley. Registros e memória: algumas observações sobre a demografia no contexto latino-americano. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 247-255, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.abep.org.br/?q=rebep/downloads/rebep-v-22-n-2-juldez-2005> Acesso: 5 mar. 2016

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação.** Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de; VALLS, Valéria Martin. Memória institucional: uma revisão de literatura. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n.1, p.78-89, abr. 2011. Disponível em: <http://revista.crb8.org.br> Acesso: jul. 2016

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, p. 67-86, set./dez. 2010 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n3/05.pdf> Acesso: 02 jul. 2016

VELTMAN, Kim. **Understanding new media:** augmented knowledge and culture. Calgary, Alberta, Canada: University of Calgary Press, 2006